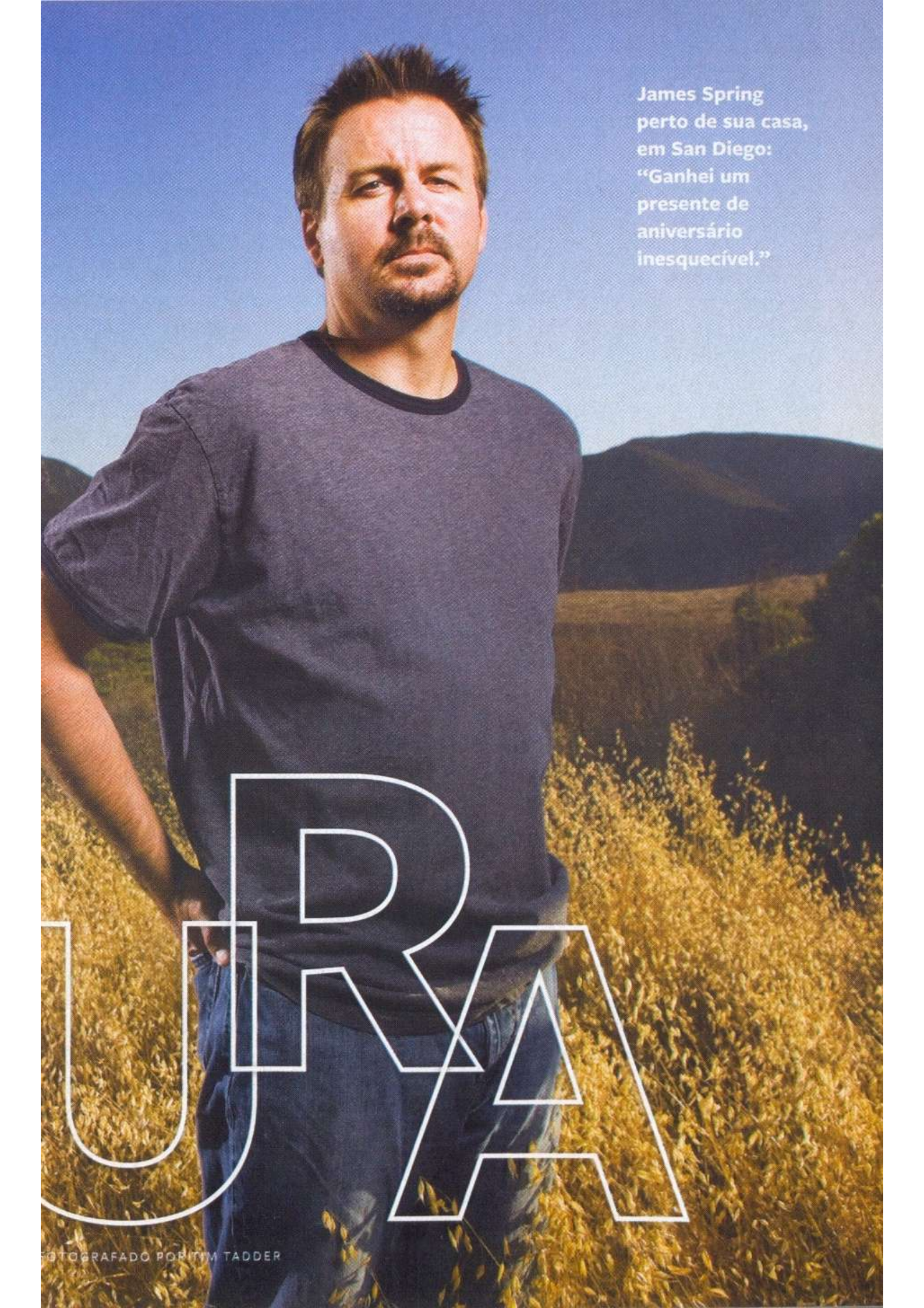


JAMES SPRING QUERIA FAZER ALGO SIGNIFICATIVO NA VIDA. ACABOU ENCONTRANDO DUAS MENININHAS PRESAS NA SAGA DE UMA FAMÍLIA DESPEDAÇADA.

A PROOC

POR JOE RHODES

A photograph of James Spring, a man with a beard and short hair, wearing a dark blue t-shirt and jeans. He is standing in a field of tall, golden-brown grass with rolling hills in the background under a clear blue sky. The lighting is bright, suggesting a sunny day.

James Spring
perto de sua casa,
em San Diego:
“Ganhei um
presente de
aniversário
inesquecível.”

URAA



menina da foto tinha olhos arregalados e um sorriso de princesa, cabelos louros e um colar de pérolas de plástico no pescoço. James Spring sentiu uma pontada no coração assim que a viu na tela do computador. Parecia tão feliz e inocente, tão parecida com a sua filha Addie, deitada no quarto do andar de cima... Quando leu o que acontecera com Viana, de 6 anos, e a irmã mais nova, Faith, soube o que tinha de fazer.

Faltavam poucas semanas para seu 40º aniversário, em 29 de abril, e Spring tentava cumprir a promessa que fizera a si mesmo. Andara inquieto nos últimos meses, angustiado pelo medo de ter se acomodado depressa demais à meia-idade. Era bem-sucedido e orgulhoso da vida que construía: o emprego na área de *marketing* em San Diego, Califórnia, a casa no subúrbio de La Mesa, a mulher amorosa, os dois filhos maravilhosos – Addie, 3 anos, e Caden, 8 meses. Mas isso não bastava.

Quando jovem, fora viciado em perigo e fizera reportagens de guerra em El Salvador e na Guatemala para a Rádio Pública Nacional; fora capturado pelos índios *kunas* e perseguido por paramilitares. “Tinha uma noção exagerada da minha invulnerabilidade”, diz ele hoje. Se não tivesse conhecido Kellie, a mulher com quem se casou há seis anos, talvez ainda estivesse cor-

rendo atrás de personagens sombrios. Mas ela o convenceu – na verdade, deu-lhe um ultimato – de que, se queria ser seu marido e pai dos seus filhos, não podia continuar se metendo em zonas de conflito. Ele passou a satisfazer a necessidade de aventuras praticando mergulho e participando da corrida Baja 500 com sua motocicleta. Então, com o aniversário se aproximando, começou a falar sobre fazer alguma coisa para se sentir melhor consigo mesmo.

“Talvez haja um terremoto e eu consiga tirar pessoas dos escombros”, disse a Kellie. “Ou um helicóptero caia e precisem de voluntários para as buscas.” Ela tentou ignorá-lo, na esperança de que esquecesse essas buscas e se limitasse a dar uma festa no quintal. Mas ele não desistia. “Eu disse a ela: ‘Só quero fazer algo para ajudar os outros.’”

E foi por isso que, no início de abril, James Spring procurou na Internet casos de pessoas desaparecidas, na esperança de achar alguém que precisasse dele. Quando viu aquela foto e começou a ler sobre Viana e Faith Carrelli, duas meninas levadas embora pelos pais, criminosos suspeitos de um assassinato em São Francisco, que não tinham a guarda da filha mais velha e haviam sido vistos pela última vez por um turista na península de Baja, ficou claro qual seria o presente de aniversário que daria a si mesmo: poria sua bagagem no Ford Explorer, cruzaria a fronteira e iria procurar aquelas menininhas.



A casa em Soquel, na Califórnia, onde Gene e Ellen Pauly moram há 32 anos, transborda de fotos da família: os cinco filhos que tiveram, os outros que adotaram, e os netos, inclusive Viana e Faith. A maioria das fotos da filha Michele, mãe de Viana e Faith, foi tirada na época da escola secundária, quando todos a chamavam de menina de ouro. Animadora de torcida, dançarina de balé e sapateado, presidente da organização Estudantes contra Motoristas que Dirigem Bêbados, ela era a mais bonita, a filha que todo pai gostaria de ter. Concluiu a Escola Secundária Aptos em 1988, passou seis meses com um grupo de espetáculos no Japão e formou-se professora de Dança na Universidade do Oeste de Kentucky.

Ellen Pauly, 63 anos, ainda não entende o que aconteceu àquela Michele.

Viana, à direita, e Faith Carelli foram a inspiração de um estranho que procurava fazer algo significativo.

Não reconhece a mulher em quem sua filha, hoje com 39 anos, se transformou: usuária de metanfetamina, ladra, estelionatária, talvez cúmplice de assassinato. “Ainda amo minha filha”, diz ela, “mas já não é a Michele que criamos. É difícil dizer se algum dia aquela Michele voltará. Não conto com isso.”

Talvez houvesse problemas o tempo todo, mas os pais simplesmente não soubessem. Não há dúvidas de que a vida de Michele deu uma guinada para pior depois que ela saiu de Soquel. Em 1994, casou-se com Joe Pinkerton, instrutor de esqui que conheceu quando trabalhava como dançarina em Lake Tahoe. Mudou-se para Los Angeles e

começou a passar muito tempo com Richard Carelli, amigo de Pinkerton. Com oito anos de casada, largou Pinkerton e foi morar com Carelli. Os dois viviam pulando de um emprego sem futuro a outro.

Os Paulys pouco sabem da vida de Carelli antes de conhecer Michele, a não ser que teve empregos instáveis, cuidando de bares ou trabalhando em

d'água para os Paulys veio em dezembro de 2006, quando a polícia invadiu um quarto de hotel na vizinha Capitola para prender Carelli e Michele. Havia metanfetamina espalhada na mesinha de cabeceira; Viana, já com 5 anos, foi encontrada escondida debaixo da cama.

Gene e Ellen Pauly pediram a guarda da neta e conseguiram. Mas, apesar da

NINGUÉM ESTAVA PROCURANDO PELOS PAIS FUGITIVOS OU PELAS CRIANÇAS. SE ELE FOSSE, SERIA POR CONTA PRÓPRIA.

obras. Os Paulys dizem que ele sabe ser encantador, mas também assusta. E que exercia sobre Michele um efeito quase hipnótico.

“Foi Richard quem a destruiu”, diz Gene Pauly, 76 anos, parecendo mais triste do que zangado. Ela desaparecia da vida dos pais durante anos. Quando reaparecia, era hostil, ressentida e em geral queria dinheiro.

Ellen está convencida de que talvez mal conhecesse Viana se a situação financeira de Michele não fosse tão ruim em 2004. Mas, como precisou de ajuda para cuidar da filha, na época com 3 anos, foi morar na casa dos pais, dizendo que largara Carelli. Arranjou emprego. A situação parecia promissora. E foi, até dali a algumas semanas, quando Carelli apareceu e levou Michele e Viana embora. O casal voltou ao mesmo padrão de antes, e logo foram condenados por porte de drogas e presos por pequenos roubos e fraude com cartões de crédito. A gota

objeção dos Paulys, o juiz concedeu a Carelli e Michele o direito de fazer visitas sem supervisão. Viana passou vários fins de semana com os pais e a nova filha, Faith, que nasceu em outubro de 2007 com síndrome de Down.

No início de um desses fins de semana, em janeiro de 2008, Ellen percebeu que havia algo estranho. Michele parecia mais dispersa do que de costume quando pegou a sacola de roupas da filha e saiu na tarde chuvosa. Ellen teve um mau pressentimento, mas não havia como saber que ficaria dez semanas sem ver a neta.

Até aquele dia, Carelli e Michele moravam no bairro Mission Terrace, em São Francisco, numa casa de cômodos. No mês anterior, de acordo com um vizinho, Carelli discutira com Leonard Hoskins, outro inquilino. Houvera gritos, empurrões, o som de socos, e, dali a instantes, Richard Carelli, ensanguentado, saíra do prédio aos trope-

ções. O vizinho achou que Carelli perdera a briga, que o sangue fosse dele, e não chamou a polícia. Mais tarde os investigadores descobriram que o senhorio tentara despejar o casal e que Hoskins se envolvera na disputa.

Ureena, irmã de Hoskins, deu queixa de seu desaparecimento, mas as autoridades pouco fizeram além de registrar a ocorrência. Três semanas depois, ela foi a São Francisco e começou a investigar por conta própria. Então encontrou o vizinho que testemunhara os acontecimentos e finalmente convenceu a polícia, em 24 de janeiro, a interrogar Carelli. Ele negou a briga com Hoskins, mas a polícia trouxe cães farejadores de cadáveres, que indicaram haver um corpo na van de Carelli. A princípio, ele deu permissão às autoridades de revistar o veículo, mas depois, segundo a polícia, mudou de ideia e pediu as chaves de volta. A polícia cedeu e, espantosamente, deixou-o ir embora. Oito dias se passaram até que a polícia revistasse a van e encontrasse o corpo de Hoskins. A essa altura, Carelli e Michele já tinham fugido para o México com as crianças.

Embora a notícia do assassinato e do sequestro estivesse no *site* America's Most Wanted (Os mais procurados dos Estados Unidos), a busca oficial nunca foi muito longe. Mesmo depois que um turista avistou os fugitivos em San Quintin, 240 km ao sul da fronteira do México, não foram tomadas providências. A espera era uma lenta agonia para a família Pauly.

“Eu já tinha desistido”, diz Ellen Pauly, censurando-se por pensar assim. “Estava zangadíssima com todo mundo, com todos os erros, com a falta de comunicação entre os órgãos responsáveis pela investigação. Achei que ninguém dava a mínima. Então, quando menos esperávamos, surge esse desconhecido. E ele prova que ainda existe decência no mundo.”

Kellie chorou quando o marido lhe disse o que ia fazer. Mas, ao ver a foto de Viana, concordou, relutante, que ele tinha de ir. Só lhe pediu que esperasse alguns dias antes de partir. Ele precisava de um plano. Precisava de suprimentos. E, principalmente, precisava dar a ela tempo de aceitar o que ia fazer. Spring concordou em esperar e começou a dar telefonemas. No início, achou que haveria um grupo oficial de busca do qual pudesse fazer parte. Mas, depois de ligar para as autoridades, ficou claro que não havia ninguém no México à procura dos fugitivos nem das crianças. Se fosse, iria por conta própria.

Em seguida, entrou em contato com a família Pauly. Os casos de crianças desaparecidas atraem a atenção de todo tipo de gente, e ele sabia que poderia ser considerado maluco. Na verdade, quando conversou com Rob Doubleday, tio de Viana e porta-voz da família, eles tinham acabado de ouvir falar de um vidente que afirmava saber onde estavam as crianças. Doubleday agradeceu o interesse de Spring mas duvidou que ele conseguisse ajudar.

Spring deixou claro que tentaria. No dia seguinte, mandou imprimir 2.500 cartazes em espanhol com a palavra “secuestrada” no alto, em letras grandes. Incluiu fotografias de Viana, Faith, Michele e Carelli, além da imagem de um Mercury Mystique 1996 branco, o último carro em que tinham sido vistos.

Pôs na bagagem um foguete de sinalização, um facão e toda a comida de que poderia precisar. Então, de manhã bem cedo, no domingo, 36 horas depois da busca inicial na Internet, enquanto Kellie olhava, com Addie ao lado e Caden no colo, James Spring partiu. “Sabia que era importante para ele e que tinha de deixá-lo ir”, diz Kellie agora, recordando o medo que sentira. “Mas ele procurava pessoas suspeitas de assassinato, e nós não sabíamos o que elas poderiam fazer para se proteger.”

Quando Spring atravessou a fronteira naquela manhã de domingo, seu plano era colar cartazes em todos os postos de gasolina e delegacias de polícia entre Ensenada e San Quintin.

Nunca teve dúvidas de que encontraria as meninas. Morara quatro anos em Baja quando tinha 20 e poucos anos. “Conheço tudo aquilo”, diz ele, “todos os lugares, até aqueles de que a polícia mexicana nunca ouviu falar.”

Enquanto cruzava cidades turísticas e aldeias de pescadores, lugares que mal passavam de um punhado de barcos, pensou em como enfrentar Ca-

SECUESTRADA



Viana Lee Carelli, niña de 6 años

Fecha de Nac.: Dic 21 2001 Raza: Blanco Cabello: Rubio
Ojos: Azules Altura: 3'8" (112 cm) Peso: 50 libras (23 kg)

Viana Carelli fue secuestrada de su casa por Santa Cruz, California por sus padres sin custodia. Fugitivos Richard Carelli y Michelle Pinkerton son requeridos por la policía por secuestro, drogas y asesinato. Van acompañados de un infante de nombre Faith, con Síndrome de Down, y requiere atención médica inmediata. Los cuatro fueron vistos por última vez en San Quintin, BCN en marzo, viajando en vehículo Mercury Mystique, color blanco, de cuatro puertas. El señor Richard Carelli es considerado peligroso y está armado.

SE BUSCA	SE BUSCA
 <p>RICHARD CARELLI (o Carelli)</p> <p>Fecha de Nac.: Oct 26 1969 Edad: 39 Sexo: Masculino Raza: Blanco Cabello: Castaño Ojos: Verde Altura: 5'8" (173 cm) Peso: 180 libras (82 kg) Tiene cicatriz en el frente</p>	 <p>MICHELLE PINKERTON</p> <p>Fecha de Nac.: Sep 16 1969 Edad: 39 Sexo: Femenino Raza: Blanco Cabello: Rubio Ojos: Café Altura: 5'4" (163 cm) Peso: 125 libras (57 kg) Tiene lunar en el cuello</p>



Vistos últimamente viajando en un 1996 Mercury Mystique de 4 puertas, color blanco. El vehículo tuvo placas de California, con número 5VIB951.



La bebé (se llama Faith) tiene una condición médica muy seria.

Si usted tiene alguna información, por favor contacte a la policía local, o llame a la Policía de San Francisco en los EUA: (415) 553-1071, Det. Lynch o al correo electrónico (e-mail): VianaSegura@gmail.com

Os cartazes de Spring alertando sobre o sequestro foram fundamentais na captura.

relli: ele conheceria a região? Falaria espanhol? Teria dinheiro? Estaria armado? Naquela noite, em San Quintin, ele passou por um Mercury Mystique igual ao que Carelli tivera. *Qual a probabilidade?*, perguntou-se, empolgado por ter visto o casal tão depressa.

Pediu à polícia que verificasse, mas aquele não era o carro de Carelli. A polícia, desconfiada do americano com cartazes e grampeador, já duvidara antes de sua autenticidade e agora a questionava abertamente. Ele não podia se dar ao luxo de provocar alarmes falsos. “Desculpem”, disse aos guardas. E foi em frente.

Na manhã de segunda-feira, seguiu mais para o sul, até a aldeia de Santa Marie. O frentista do posto de gasolina disse que vira o casal fazia umas três semanas. Um policial de folga confirmou. Spring já estava chegando perto. “Não sei dizer por que, mas quando acordei naquele dia me senti ótimo”, diz ele.

No posto de gasolina de El Rosario, 58 quilômetros ao sul de San Quintin, quando começou a afixar o cartaz, um frentista lhe disse, em espanhol:

“SENTI QUE ALGUMA COISA IRIA ACONTECER. MINHA PELE SE ARREPIOU.”

- Já vi essa mulher.
- Quando? - perguntou Spring.
- Três dias atrás - disse o homem.
- Veio me perguntar se havia algum lugar barato para comer.

Spring caminhou cem metros até um hotel conhecido por hospedar americanos. Sem titubear, os dois homens da recepção lhe disseram que o casal alugara um bangalô um pouco adiante. Michele dava aulas de dança às crianças locais para ganhar alguns pesos. “Senti a pele se arrepiar”, diz Spring. Carelli e Michele “estavam no papo”.

Ele foi até a delegacia, num pequeno prédio da praça da cidade, mandou chamar o delegado e lhe informou que havia na aldeia um suspeito de assassinato. O delegado pediu ajuda ao escritório do procurador-geral do Estado, mas os reforços só chegariam a El Rosario à noite. Até lá, Spring e o delegado teriam de aguardar.

Spring manteve a família Pauly informada e disse a Kellie que estava bem. Falou rapidamente com um delegado americano de São Francisco.

“Essa aldeia é minúscula”, alertou Spring. “Carelli logo vai descobrir que estou aqui. E, quando descobrir, vai embora. Mas ele está aqui. Agora.”

Quando o sol começou a se pôr, as autoridades mexicanas invadiram a casa onde estavam Carelli, Michele e as crianças. Spring recebeu ordens de ficar na delegacia durante a prisão.

“Fiquei andando de um lado para o outro, literalmente dando voltas lá dentro”, diz ele. Os policiais, “uns caras grandões em cinco picapes sem placa, de bigode farto, jaquetas de couro preto e fuzis AK-17”, de acordo com Spring, efetuaram a prisão. Spring ficou escutando o rádio da polícia. “Ouvi o cara fazer o relatório ao vivo na mesa do despachante”, lembra ele. “Pronto, estão na casa. Um dos carros está dando a volta. Pegaram!”

Dali a cinco minutos os policiais estavam de volta à delegacia, com Carelli algemado na traseira de uma picape, Michele e as crianças em outra. “Frearam bem na minha frente, naquele patiozinho, e tiraram Carelli do camburão”, lembra-se Spring. “Ele me olhou e deu para ver que a vida que havia nele já era. Na hora que viu o delegado e os policiais, ele soube que a brincadeira havia acabado.”

Viana parecia nervosa, mas estava ilesa, e Spring lhe afirmou que tudo ficaria bem. Prometeu permanecer com ela e Faith até encontrarem os Paulys. “Sempre que algo ruim acontecia, como ver o pai algemado numa cela, eu percebia os olhos de Viana se arregalarem”, diz Spring. “E eu dizia a ela: ‘Também tenho uma filhinha. E ela acha que é uma princesa. Igualzinha a você.’”

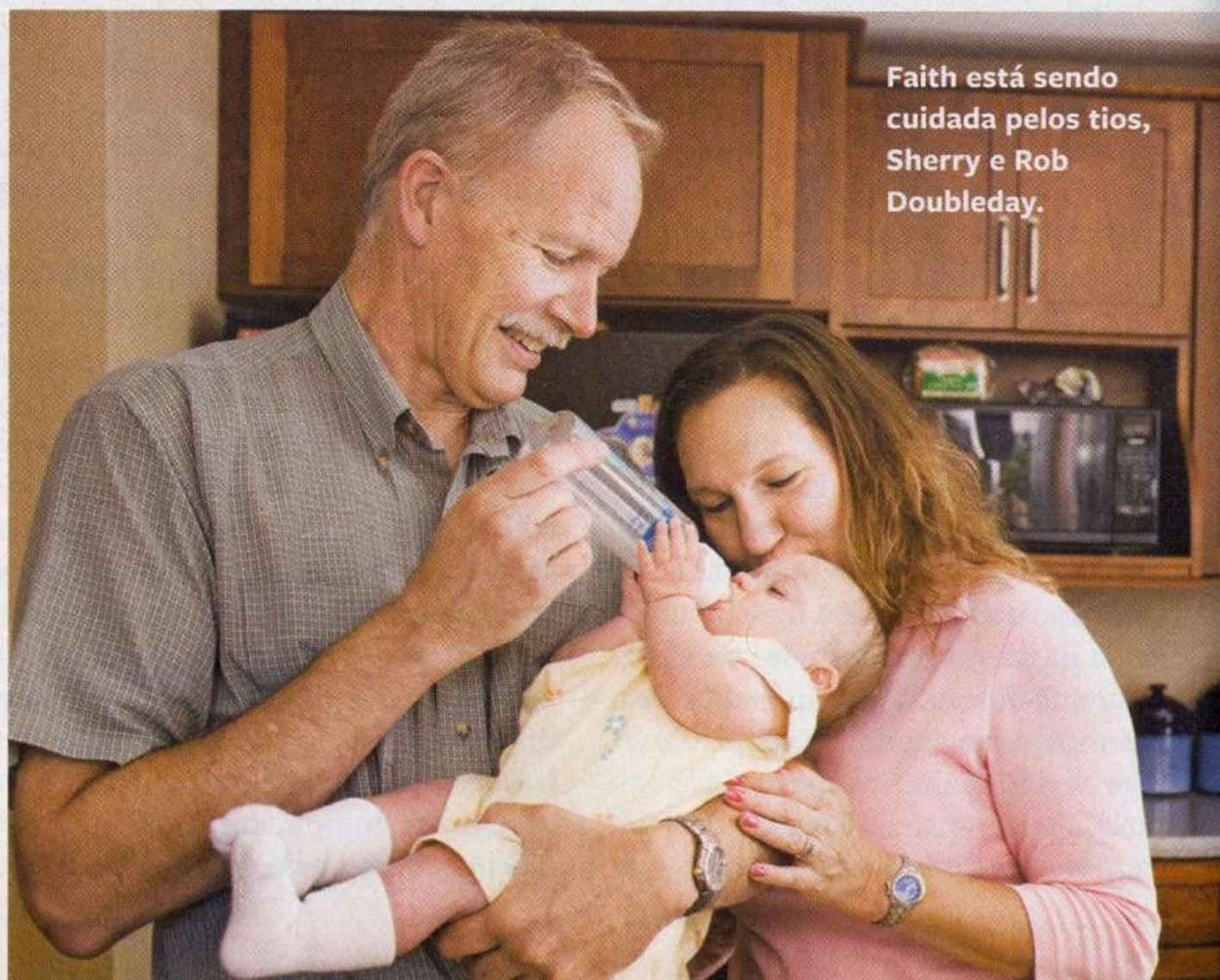
Gene Pauly aguardava no lado americano da fronteira. Ele abraçou as netas e ouviu Viana gritar “Vovô! Vovô!”. Não falou com Carelli nem com a filha, sequer os olhou, quando foram entregues a policiais federais e levados de volta a São Francisco, onde

Carelli aguarda o julgamento por assassinato e Michele por cumplicidade e por ajudar na fuga. Além disso, ambos são também acusados de sequestro de menores.

Na noite de terça-feira, Viana Carelli estava de volta aos braços da avó. E lhe contou que passara fome no México. Sempre que via um policial, na vida real ou na TV, se assustava.

A família decidiu que cuidar de uma menina de 6 anos traumatizada e um bebê com necessidades especiais era demais para os Paulys. Assim, Rob Doubleday e a mulher, Sherry, irmã de Michele, ficaram com a guarda de Faith.

James Spring voltou para San Diego, para o terno e gravata do emprego, não se sentindo mais tão inquieto. No dia



Faith está sendo cuidada pelos tios, Sherry e Rob Doubleday.

Viana voltou para a companhia dos avós, Ellen e Gene Pauly (sentados, no meio e à direita).



do aniversário, sua mulher deu uma grande festa, que também serviu para angariar fundos para a Fundação Polly Klaas, instituição de caridade que ajuda a encontrar crianças desaparecidas.

A família Pauly convidou Spring para visitar as meninas em Soquel, sempre que quiser. Gostariam de agradecer-lhe pessoalmente. Ele aprecia o gesto, mas até agora não foi.

“Acho que já fiz minha parte”, diz. “Na minha cabeça, o importante sem-

pre foram as crianças. Nunca desejei atenção nem elogios. Só queria fazer o que era certo.”

O lar dos Paulys exibe agora novas fotografias das meninas, juntas e felizes. Faith é atenta e saudável, e, embora Viana se lembre do sofrimento que passou e sinta saudades dos pais, é cheia de sorrisos e abraços quase o tempo todo.

“Essa menininha...”, diz Gene Pauly, observando-a pular pela sala. “Dez semanas sem ela foi tempo demais!”

EM NOME DO PÃO

Minha mãe foi à padaria e perguntou como se chamava um tipo de pão pelo qual havia se interessado. A atendente, distraída, achou que ela queria saber o seu nome. Seguido à resposta da mulher, mamãe disparou:

– Então me dê cinco “Ednas”. Parecem deliciosas! *Everson Alves, Brasília (DF)*